

OS TIPOS DE TEMPO EM COIMBRA (DEZ. 1663 – SET. 1665), NAS CARTAS DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA

SUZANNE DAVEAU¹

O Pe. António Vieira foi submetido a residência forçada em Coimbra, de Fevereiro de 1663 até Setembro de 1665, e, finalmente, preso pela Inquisição, no dia 1 de Outubro. Publicou-se (AZEVEDO, 1926, 1971) uma importante série de cartas dele, que se escalonam com bastante regularidade de 17 de Dezembro de 1663 a 28 de Setembro de 1665. Às 133 cartas conservadas, que se sucedem com um ritmo quase sempre semanal e, às vezes, pluri-semanal (fig. 1), correspondem 109 datas diferentes.

O Pe. António Vieira escrevia muito regularmente a D. Rodrigo de Meneses, que era Regedor das Justiças, irmão do Marquês de Marialva e partidário do Infante D. Pedro. Subscrevendo-se seu "capelão e criado", escrevia-lhe, em regra às segundas-feiras, para a sua carta ser entregue "muito a tempo" ao correio para Lisboa, que saía de Coimbra às terças-feiras. O correio vindo de Lisboa chegava à cidade do Mondego quarta-feira à noite ou quinta-feira.

Outros correspondentes habituais eram, então, o Marquês de Gouveia que, afastado da Corte, residiu na sua terra até Setembro de 1664, altura em que foi autorizado a regressar a Lisboa, o Duque de Cadaval e o seu irmão D. Teodósio, cónego da Sé de Lisboa. O Duque de Cadaval, desterrado em Almeida com importante comando militar, foi autorizado em 1663 a residir em Tentúgal, donde vinha, às vezes, visitar discretamente o Pe. António Vieira, quando este se encontrava na Quinta de Vila Franca, residência estival dos Jesuítas, na margem do Mondego.

Em cerca de 30 das cartas que foram conservadas encontram-se alusões mais ou menos desenvolvidas ao "tempo que faz". Esta documentação permite reconstituir com boa aproximação os períodos onde tipos de tempo extremos pareceram dignos de nota ao Pe. António Vieira.

¹ Professora Universitária Jubilada. Investigadora do Centro de Estudos Geográficos. Universidade de Lisboa.

anos	1663	1664									1664	
meses	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	
bom tempo mau tempo												
calor frio					?	?						
anot. climat. semanas cartas		28			14	26	5	19		3	31	8

anos		1664	1665								1665													
meses	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro													
bom tempo mau tempo																								
calor frio																								
anot. climat. semanas cartas	3	10	17	8	22	13	19	26	27	3	7	15	23	2	9	16	23	31	13	16	3	25	7	7

Fig. 1 – Anotações climáticas do Padre António Vieira, de Dezembro de 1663 a Setembro de 1665

O CONTEXTO DAS ANOTAÇÕES CLIMÁTICAS

Para apreciar o valor e significado destas indicações, é preciso entender as razões que o levavam a interessar-se pelo tempo. A principal era, sem dúvida, as repercussões que certos tipos de tempo tinham sobre a regularidade do funcionamento das comunicações, em especial a circulação das cartas e notícias. Assignado a residência forçada, António Vieira ansiava pela chegada do correio, sobretudo o que provinha de Lisboa e da Corte, mas também dos outros lugares onde tinha amigos. Em certos períodos do ano, inquietava-se também pelas condições de navegação no Atlântico, perigosas para as frotas do Brasil e da Índia. Outra razão do seu interesse eram as repercussões do tempo sobre a própria saúde e a dos amigos, e sobre os rebates de peste. Enfim, não podia esquecer as campanhas militares que, a partir da Primavera, decorriam então no Alentejo. Em Maio de 1663 as forças castelhanas tinham-se apoderado de Évora, ameaçando directamente Lisboa, mas ficaram rechassadas além da fronteira em Julho. Nova invasão foi definitivamente detida, em 17 de Junho de 1664, pela batalha de Montes Claros, perto de Estremoz, ganha sob o comando do Marquês de Marialva, irmão de D. Rodrigo de Meneses (VERÍSSIMO SERRÃO, 1980).

É importante notar que António Vieira não se preocupava com as *causas* dos tipos de tempo que assinalava aos seus correspondentes. É certo que, tendo uma visão providencialista da História e uma profunda crença nos sinais e profecias que permitiriam aos homens prever melhor a vontade divina, ele dava muita importância aos dois cometas que apareceram sucessivamente, em Dezembro de 1664 – Fevereiro de 1665 e em Abril de 1665 (SAGAN, DRUYAN, 1986). Mas os desarranjos climáticos não passavam, para ele, de simples marcas, entre muitas outras, da perturbação geral dos tempos que se viviam. A sua visão climática era, exclusivamente, a de um utilizador e não a de um teórico, o que assegura certa objectividade aos seus registos. Pode, no entanto, supor-se que os estados da própria saúde, sempre mais ou menos abalada, tenham influenciado, em certa medida, a sua percepção dos estados de tempo, tanto mais que, tendo vivido quase sempre nos Trópicos, ele era especialmente sensível à rudeza do clima invernal em Coimbra.

Convém, para além disso, não esquecer que as anotações climáticas nas cartas de António Vieira podem ter, às vezes, valor puramente metafórico. No ambiente de acesas intrigas palacianas que o Padre acompanhava à distância, ele deixa mais de uma vez transparecer o receio de que as cartas dele e dos seus correspondentes fossem abertas e lidas. Por isso, expressa-se muitas vezes por alusões e metáforas. Por exemplo, a 20 de Julho, escrevia a D. Teodósio: "Em tempo de tanta tempestade não é seguro navegar sem roteiro". Tratava-se apenas, na realidade, de combinar o percurso para um encontro clandestino estival nas margens do Mondego. O contexto permite, quase sempre, desfazer as dúvidas.

A figura 1 esquematiza a informação disponível. O seu ritmo mostra que apenas os tipos de tempo excepcionais eram anotados, em função das várias preocupações do autor. Vê-se, por outro lado, que o ano 1664 foi sobretudo marcado por

oscilações térmicas acentuadas e o Inverno 1664-65 por tempestades, chuvas e cheias consideradas excepcionais. São estes dois episódios que se apresentam com mais pormenor.

EXTREMOS TÉRMICOS EM 1664

Uma anotação isolada aparece, em 28 de Janeiro, sobre "a frieza do tempo e a fraqueza da saúde", mas não sugere nada de fora do normal, tanto mais que, em nenhuma das cartas de Fevereiro e Março, se volta a falar do frio.

É no começo de Abril que as oscilações da temperatura se acentuam: "Depois que entrou Abril se esfriaram notavelmente os dias e ao mesmo tempo se atrasou a saúde" (14 de Abril). A 28 de Abril, anuncia melhorias da sua saúde, "em tempo que os ares desta cidade andam tão contagiosos. Morre muita gente, fogem todos os que podem, e ninguém sai de casa senão com os defensivos de peste. (...) Neste mesmo Abril se tem padecido aqui os mais rigorosos frios de Dezembro, e as maiores calmas de Julho, em que nos ficamos abrasando". Acrescenta, a 5 de Maio, que "padecemos em Coimbra as calmas da Guiné" e, a 19 de Maio: "Agora vão os dias frescos, e já Maio parece Maio". Os rebates de peste também tinham parado. As temperaturas do resto de Maio, de Junho e de Julho não devem ter fugido muito das normais, porque o Pe. António Vieira deixa de as mencionar.

Volta a interessar-se por elas no começo de Agosto, durante os dias considerados "caniculares". Escreve, a 3 de Agosto. "Os caniculares por cá não só vão frescos mas chuvosos; e, se esta irregularidade do tempo não causar alguma alteração nos corpos, parece que se sairá do Verão mais sadiamente do que entrámos na Primavera". Instalado desde Julho na quinta de Vila Franca, perto do Mondego, tomava lá banhos por ordem médica. Em 31 de Agosto menciona de passagem as "calmas pesadas" mas, já no dia seguinte, anota que "os dias vão mais frescos do que os havia mister à continuação dos banhos, que ainda ontem me tomou a receitar o Doutor Sanfins." Mas este Verão, aparentemente de um tipo normal sobre o fresco, conhece de repente um surto de calor. Escreve a 8 de Setembro: "As calmas destes dias foram por cá tão extraordinárias que se não lembram os homens de outras semelhantes". Tinha portanto ocorrido uma brusca mas curta vaga de calor, que já tinha acabado no dia 8, em que escreve, "com tão repentina mudança, que do extremo dos caniculares temos passado ao do Inverno, com tempo chuvoso e frio".

A imagem do ano de 1664, que se pode extrair destas anotações, não foge muito do quadro habitual das suas irregularidades em Portugal. Houve um surto de calor precoce em Abril-Maio e outro no começo de Setembro, mas, no conjunto, o Verão parece ter sido bastante curto e relativamente fresco e chuvoso em Coimbra. A mesma carta de 8 de Setembro permite ainda acrescentar uma sensível diferenciação regional, que António Vieira interpreta ao seu modo providencialista e nacionalista: "A falta de mantimentos que o inimigo padece em toda parte [em Castela e no Alentejo, pelo contexto da carta], mostra bem quanto Deus está da

nossa, pois no mesmo ano é tanta a fertilidade, por toda a Beira e Minho, que se diz não haverá onde se recolher o pão, e já hoje se está dando de graça, sem haver quem o queira. Tudo são misericórdias de Deus, tanto maiores quanto menos merecidas."

A INVERNADA DE 1664-65

Começa a falar de mau tempo em princípio de Novembro. Em carta do dia 3, António Vieira considera encontrar-se já no "Inverno" e acrescenta: "As tempestades que por cá correram estes dias nos têm em grande cuidado, juntas com o perigo dessa barra: queira Nosso Senhor guardar a frota e trazê-la a salvamento". (A frota do Brasil chegou, na realidade, em 19-20 de Novembro à barra do Tejo). Entretanto, o mau tempo continuava. Escreve, no dia 10: "Tivemos ontém uma grande inundação do Mondego com uma terrível tempestade, mas haverá querido Deus que não alcançasse a frota".

Mas este período de mau tempo foi de pouca duração. Adverte, no dia 17 de Novembro: "Entrou S. Martinho com o seu veranico, que nas calmas pode competir com o maior Verão, e como não há frio logo estou em paz com os ares de Coimbra. Passo estes dias em Vila Franca só comigo e com os livros".

As cartas seguintes, dentre as que chegaram até nós, datam de 8 de Dezembro. Na que foi dirigida a D. Rodrigo de Meneses, António Vieira faz alusão ao "tempo de tantas tempestades: elas foram causa de faltar com a carta no correio passado". Seria lícito duvidar tratar-se, desta vez, de mau tempo climático ou da difícil situação política interna, já que acrescenta estar "em grande suspensão a tardança das [cartas] de V. S.^a, por se haver dito de boa parte que havia quem as tomasse". No entanto, noutra carta do mesmo dia, é, sem hesitação, ao "tempo que faz" que se refere: "Cá têm sido estes [dias] muito desabridos e frios".

O mau tempo deve ter durado bastante, ou ter voltado depois de curta interrupção, porque, em 22 de Dezembro, escreve: "Volta hoje o Sol para nós, e com o rosto tão benigno, que espero se facilitam os caminhos aos correios, com que não me falem, como neste, as novas de V. S.^a". Conservaram-se poucas cartas das semanas seguintes mas, a 19 de Janeiro de 1665, temos um interessante conjunto de informações climáticas: "O cometa se nos mostrou ainda quinta-feira [dia 15] muito diminuído da cauda; depois o encobriram as cerrações e perpétuas chuvas, com que os dias vão tristíssimos. Aos 13, quase espaço de vinte e quatro horas, se cobriu tudo de neve altíssima, chovendo copiosamente no mesmo tempo, e ventando, por espaço de quatro horas, com tal fúria a espaços que, se duram mais tempo e com maior continuação, nenhuma cousa ficara em pé. O estrago nos olivais e em todo género de árvores foi grandíssimo, e maior nos montes que nos vales, umas arrancadas de todo, outras quebradas. Na nossa Quinta da Cheira vieram ao chão mais de duzentos pinheiros, que são ali muito grandes e fortes, e nesta cerca do Colégio vinte e quatro ciprestes, e muito mais na de Santa Cruz." A seguir, fala "do frio, que com estas neves vai insuportável" e que lhe faz tanto mal à saúde,

desde que foi constringido a residir em Coimbra.

A 26 de Janeiro queixa-se do atraso dos correios e do rigor do tempo. No dia seguinte, 27, assinala que é "necessário aguardar um e outro correio de Lisboa, que nestes dias são mais vagarosos". A 3 de Fevereiro, continua o mesmo tipo de situação: "não só tardam os correios mas chegam sem cartas". Acrescenta, no entanto, que "já nos livramos dos primeiros sustos, que foram de tempestades, naufrágios e outros desastres". Culpa o cometa desta situação caótica: "Os efeitos que tem causado nos elementos são violentíssimos; ainda um dia destes deu à costa com um navio do Pará, de que escaparam alguns homens." A 7 de Fevereiro informa: "O cometa parece que se tem despedido. Os efeitos naturais vão continuando com tempestades e inundações, de que se temem duas piores consequências, que são: fome e contágio."

A lentidão dos correios continuava. Escreve a D. Rodrigo de Meneses: "muitos dias havia me faltavam novas de V. S.^a mas hoje 15 de Fevereiro recebo uma de V. S.^a, escrita em 26, tempo em que pudera vir de Itália e ainda de mais longe. [...] Os excessos destas invernadas tudo trazem descomposto." Numa carta do dia seguinte (16) faz ainda alusão à influência do "dilúvio universal" sobre a irregularidade do correio e queixa-se do "extremo destes frios" que lhe altera a saúde. A 23 de Fevereiro, diz perceber melhor as razões do atraso do correio, já que a cheia do Tejo tinha transformado Salvaterra, onde se encontrava a Corte, numa ilha, "em porto não marítimo posto que cercado de água". A 2 de Março continua falando do mau tempo: "Tal rigor e tal variedade nunca se viu".

A 9 de Março o tempo devia estar a melhorar; os correios já "agora se vão pondo mais em ordem, mas a Primavera não acaba de chegar." Confirma-se noutra carta do mesmo dia que o correio de Lisboa tinha chegado normalmente na noite de quarta-feira (dia 4) mas que foi "por meio de um dilúvio de água", que teve de ir buscar a carta no dia seguinte. A 16 de Março continuavam "os tempos com a mesma variedade que até agora, sem haver dia inteiro em que o Céu e os elementos nos mostrem o mesmo rosto.". A 23, o tipo de tempo mantém-se semelhante, a "variedade do tempo [...] neste mesmo dia tem sido tal que, amanhecendo muito claro, está a tarde com tal cerração que parece noite fechada". Em 31, manda a D. Teodósio de Melo um documento "que ficou da outra vez [do dia 26, provavelmente] por erro e com as cheias e tempos daqueles dias não achei quem o levasse logo."

Um tempo de grande instabilidade perdurou portanto durante quatro meses, com raras interrupções, desde o começo de Dezembro de 1664 até quase ao fim de Março de 1665. Foi mesmo uma grande invernada, marcada pela persistente predominância de uma rápida circulação de origem atlântica, mas com vários paroxismos e diversas trajectórias, que explicam as ondas de frio e as grandes cheias, alternadas, do Mondego e do Tejo.

Tendo adoecido entretanto, ao ponto de não poder escrever em dois correios seguidos, António Vieira voltou a escrever a vários amigos em 13 de Abril. Quando declara que "os tempos vão terríveis", não é desta vez especificamente do clima que fala, porque diz, no parágrafo seguinte, que a "Primavera se apressou a

secar a campanha mais do que se cuidava". O mau tempo invernal tinha já acabado e as anotações climáticas desaparecem completamente das cartas, que manda agora com grande abundância e regularidade. Será apenas a 16 de Junho que voltará a notar a existência de urnas "rigorosas calmas", dizendo que: "Tudo por cá são trovoadas, e hoje com pedras mais grossas que nozes." Aliás, durante o período estival, que irá preceder a sua encarceração pela Inquisição, as anotações climáticas escasseiam, talvez por estar submerso por preocupações mais angustiantes. Apenas faz alusão ao calor, a 3 e 25 de Julho e a 7 de Agosto, bem como, várias vezes, à esterilidade do ano, que trouxe a fome ao reino. A última anotação conservada é datada do dia 7 de Setembro: "O ano tem trazido a fome, que ainda se teme maior se as chuvas, que por esta parte começam, continuarem". O excesso de chuva tinha, com certeza, prejudicado a produção de pão, tão abundante no Norte do País no ano anterior – este alimento que era fundamental para os portugueses de outrora (FEIO, 1965)

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, LÚCIO de (1971) – *Cartas do Padre António Vieira*, II, Lisboa, Imprensa Nacional, (1.^a edição, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1926).

FEIO, M. (1965) – "Clima e ocupação agrícola de Portugal", *Geográfica*, I, Lisboa: 4-9.

SAGAN, C.; A. DRUYAN (1986) – *Cometa*, Lisboa, Gravidia.

SERRÃO, J. VERÍSSIMO (1980) – *História de Portugal*, V, A Restauração e a Monarquia Absoluta (1640-1750), Lisboa.